

Revista de Literatura,  
História e Memória



Seção:

Pesquisa em Letras no contexto Latino-  
americano e Literatura, Ensino e Cultura

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 31 – 2022

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 324-349

**O ETHOS PELA HOMONÍMIA: O GRUPO DE  
BARRANQUILLA E A PERSONAGEM-AUTOR EM *CEM  
ANOS DE SOLIDÃO* E *VIVER PARA CONTÁ-LA***

**The *ethos* through homonymy: the Barranquilla group and  
the author-character in *One Hundred Years of Solitude* and  
*Living to Tell it***

Amanda Kristensen de Camargo<sup>1</sup>  
Renan Paulo Bini<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, objetiva-se analisar o *ethos* das personagens Germán, Alfonso, Álvaro e Gabriel, da obra ficcional *Cem anos de solidão* (MÁRQUEZ, 2009), homônimas do grupo de intelectuais de Barranquilla citados na autobiografia *Viver para Contá-la* (MÁRQUEZ, 2003): Germán Vargas, Alfonso Fuenmayor, Álvaro Cepeda Samudio e Gabriel García Márquez,

cujos comportamento social é sumarizado pela ficção. Para isso, propõe-se uma ponte teórico-analítica entre categorias específicas de duas áreas do conhecimento: o *ethos discursivo*, da Retórica; e a homonímia e a onomatômancia, da Onomástica. Neste estudo, a homonímia e a onomatômancia foram consideradas agentes cooperativos para a construção de determinados *ethé* ficcionais. Por meio da comparação da construção dos homônimos presentes na obra ficcional e na autobiografia de Márquez pôde-se realizar associação das identidades das personagens aos entes reais (segundo a perspectiva de Márquez), e explicitar o elo imagético e argumentativo presente nos fenômenos homonímico e onomatômântico, sendo passível de descrição, ainda, a perspectiva identitário-psicológica de tais fenômenos, principalmente a partir da memória subterrânea em *La masacre de las bananeras*<sup>3</sup>, partilhada por ente ficcional - Gabriel - e autor - Gabriel García Márquez.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Ethos*; Homonímia; Gabriel García Márquez.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the *ethos* of the characters Germán, Alfonso, Álvaro and Gabriel, from the fictional work *One Hundred Years of Solitude* (MÁRQUEZ, 2009), homonyms of the group of Barranquilla intellectuals quoted in the autobiography *Living to Tell it* (MÁRQUEZ, 2003): Germán Vargas, Alfonso Fuenmayor, Álvaro Cepeda Samudio and Gabriel García Márquez, whose social behavior is summarized by the fiction. For this purpose, a theoretical-analytical bridge is proposed between specific categories of two areas of knowledge: *discursive ethos*, from Rhetoric; and homonymy and onomatomancy, from Onomastics. In this study, homonymy and onomatomancy were considered as cooperative agents for the construction of certain fictional *ethé*. Through the comparison of the construction of homonyms present in the fictional work and in Márquez's autobiography, it was possible to associate the identities of the characters with the real entities (according to Márquez's perspective),

<sup>1</sup> Graduada em Letras Português-Alemão (2015) pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), e em Pedagogia (2020) pelo Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG). Mestre em Letras (2018) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: amandakristensen.prof@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3835756948304173>.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (2015) pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel (UNIVEL); em Letras Português/Italiano (2020) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE); e em Pedagogia (2022) pelo Centro Universitário Fael. Especialista em Marketing, Propaganda e Vendas (2017) pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Cascavel (UNIVEL) e Mestre em Letras (2018) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista CAPES. E-mail: renanpaulobini@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6826894139264752>.

<sup>3</sup> Optou-se pela utilização do termo *La masacre de las bananeras*, e não a tradução, pois assim é nomeada a matança dos trabalhadores da United Fruit na Colômbia.

and to explain the imagetic and argumentative link present in the homonymic and onomatopoeic phenomena. It is also possible to outline the identity-psychological perspective of such phenomena, mainly from the underground memory of *La masacre de las bananeras*, shared by the fictional entity - Gabriel - and the author - Gabriel García Márquez.

**KEYWORDS:** *Ethos*; Homonymy; Gabriel García Márquez.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A análise retórica apresenta um campo de atuação diverso, abrangendo desde estudos comuns ao seu berço até demais perspectivas epistêmicas, como o discurso jurídico, filosófico e literário. Tal qual a análise retórica, aferições de ordem onomínicas, ou seja, advindas da ciência Onomástica - responsável pelo estudo dos nomes próprios - vêm crescendo para além do embrião lexicológico e estritamente linguístico ou etimológico, promovendo diálogo com a linguagem literária e ficcional como um todo.

Posto isso, este artigo pretende criar uma ponte teórico-analítica possível entre categorias específicas de ambas as áreas do conhecimento: o *ethos*, da Retórica; e a homonímia e a onomatopoeia, da Onomástica. Assim, parte-se da perspectiva de que é possível evidenciar o caráter argumentativo presente em textos literários a partir da verossimilhança<sup>4</sup>, considerando também a situacionalidade.

A análise do *ethos* em uma obra literária observa a construção discursiva e encenação de uma determinada imagem (narrador e/ou personagem) em uma diegese<sup>5</sup>. Considera-se, para tal, principalmente, a noção de *ethos* discursivo, que está ligada a um ato de enunciação e à construção de uma imagem projetada no discurso (MAINGUENEAU, 2012, 2016; AMOSSY, 2016; BINI, 2019). Em uma obra literária, este processo envolve não só a composição imagética do caráter pessoal e do papel social que a personagem ocupa no enredo, mas também os conhecimentos linguísticos e enciclopédicos<sup>6</sup>, crenças implícitas e estratégias de focalização

---

<sup>4</sup> Conforme Aristóteles, “a função do poeta não é contar o que aconteceu, mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio da verossimilhança e da necessidade” (ARISTÓTELES, 2004, p. 53). Após a leitura das obras *Cem anos de Solidão* e *Viver para contá-la*, entendemos que as obras, em níveis diferenciados, tratam do universal, não havendo compromisso com uma descrição histórica e precisa de fatos. Para Aristóteles, “universal é aquilo que certa pessoa dirá ou fará, de acordo com a verossimilhança ou a necessidade, e é isso que a poesia procura representar, atribuindo, depois, nomes às personagens” (ARISTÓTELES, 2004, p. 53).

<sup>5</sup> Neste artigo, considera-se que *diegese* se refere ao conjunto de acontecimentos narrados em duas dimensões espaço-temporais tecidas por Márquez: a obra ficcional *Cem anos de solidão* e a autobiografia *Viver para Contá-la*. Apesar de Márquez mimetizar acontecimentos reais em ambas as obras, entende-se que são entrelaçadas a aspectos ficcionais e a interpretações subjetivas do autor, que são apresentadas aos leitores a partir de uma determinada intencionalidade. Assim, a presente análise considera apenas as realidades narrativas e não se compromete com uma investigação das personalidades citadas pelo autor em fontes externas às obras.

<sup>6</sup> Entende-se que, para a construção das diegeses, o autor mobiliza seu conhecimento de mundo para utilizar nas obras aspectos da situacionalidade, como elementos históricos, sociais, ideológicos, estereótipos etc., o que contribui para a construção da verossimilhança.

que o articulista-autor mobiliza para construir uma representação com o intuito de garantir sucesso retórico.

Entre as estratégias ficcionais possíveis para alcançar tal efeito está a homonímia, que vista pela literatura Antroponomástica - propositiva do estudo dos nomes próprios de pessoas - enquanto semelhança de nomes próprios de pessoas (doravante antropônimos) (CAMARGO, 2020a; SEIDE, 2019) pode, também, ocorrer no âmbito ficcional, no qual a repetição de nomes de personagens (doravante antroponímicos ficcionais) também se faz possível (CAMPOS, 2014), havendo, ainda, a possibilidade de um cruzamento entre a instância social e ficcional, que pode se materializar tanto no caso supracitado – em que o nome de pessoa-autor se assemelha ou se faz idêntico ao nome da personagem (JEANELLE, 2014; FAEDRICH, 2014, 2016; KLINGER, 2008), configurando a homonímia entre autor e personagem - quanto na utilização consciente de ortônimos - nomes civis (históricos) – em obras de ficção.

A presença do fenômeno da homonímia em uma tessitura literária pode contemplar, por seu turno, outra função de ordem antroponímica: a onomatômica (GUÉRIOS, 1973), assimilada em âmbito literário pela sumarização (DEBUS, 2002). Tida socialmente enquanto crença de que o nome exercerá função no comportamento e identidade do ente nomeado, a onomatômica – no arranjo literário – resume e reforça a caracterização da identidade ficcional recém-nascida a partir de outra referência: amplamente recuperável pelo senso comum ou, ao menos, por fontes bibliográficas. Na obra *Os Maias*, de Eça de Queirós, Camargo (2020a) percebe e descreve o fenômeno da homonímia associado à onomatômica em diversos momentos, dentre os quais ilustramos a construção da personagem “Afonso da Maia” pela homonímia do prenome com “Afonso de Albuquerque”, cuja referência enciclopédica que retoma um imperador português reforça o caráter elevado da personagem.

Com base nos recentes resultados dados por estudos onomástico-ficcionais (CAMARGO, 2020a; SEIDE, 2019), esta pesquisa focaliza a análise do texto literário presente na obra *Cem anos de Solidão* (2009)<sup>7</sup>, de Gabriel García Márquez, a partir da descrição dos efeitos literários advindos da presença dos dois fenômenos - a homonímia e a onomatômica – já visitados pela Onomástica Literária (ALTMAN, 1981) e, mais especificamente, pela Antroponímia Literária ou Ficcional (CAMARGO, 2018; 2019, 2020), associando-os, por sua vez, à construção do *ethos* do autor-personagem, mediante o diálogo entre Onomástica e Retórica.

---

<sup>7</sup> A versão original do texto foi publicada em 1967, em espanhol. Para o desenvolvimento deste artigo, foi consultada uma versão traduzida da obra, publicada em 2009, traduzida do Espanhol para o Português por Margarida Santiago.

Em *Cem anos de solidão* (2009), a homonímia se materializa em diversos momentos da “teia onomástica” ficcional (NICOLAISEN, 1982), dentre os quais focalizamos - por necessidade de limitação – a nomeação de quatro personagens: Álvaro, Germán, Alfonso e Gabriel. Os primeiros três prenomes ficcionais são citados na autobiografia de Gabriel García Márquez *Viver para contá-la* (2003), o que demonstra a face histórica e afetiva dos prenomes<sup>8</sup> que, no discurso autobiográfico, são acrescidos de seus respectivos sobrenomes: Germán Vargas, Alfonso Fuenmayor, e Álvaro Cepede; o último prenome ficcional, por sua vez - Gabriel - também tido por nós como histórico, associa-se ao prenome do próprio autor Gabriel García Márquez, configurando a homonímia entre autor e personagem.

Considera-se que, no romance *Cem anos de Solidão* e na autobiografia *Viver para contá-la*, os enunciados, a construção dos enredos e a sumarização onomatômica das personagens são legitimadas pelas próprias cenografias por meio da autoridade enunciativa de Gabriel García Márquez, que reforça a construção de sentidos dentro desses textos. Nesse cenário, este artigo adota perspectivas pragmáticas e discursivas da Retórica para a análise de enunciados em situação e a força das escolhas lexicais, sendo observados elementos apresentados em ambas as obras para a compreensão dos *ethé*<sup>9</sup> analisados.

Dessa maneira, além de esta pesquisa analisar os *ethé* das personagens ficcionais em *Cem anos de Solidão* e seus respectivos homônimos em *Viver para Contá-la*, focalizará a construção argumentativa da imagem da instância ficcional autor-personagem pelo *ethos* da personagem Gabriel, assimilando os homônimos e crenças onomatômicas mediante a construção de um único *ethos* de ordem híbrida. Em tal *continuum de vozes* não mais se separa a imagem que o autor constrói de si em sua autobiografia (*Viver para Contá-la*) e a personagem homônima na obra ficcional (*Cem anos de Solidão*), ambos passam a contemplar um *ethos* híbrido tecido pela oralidade ancestral, do qual se avulta a construção alegórico-imagética da memória subterrânea (POLLAK, 1989).

---

<sup>8</sup> Devido ao caráter autoficcional presente no discurso de *Viver para Contá-la* (JUNIOR, MATA, 2015), em que não se estabelece um limiar explícito entre os limites da realidade e da ficção, os nomes históricos mencionados foram atestados por fontes outras: *El País* (2014), em que os quatro amigos de Gabo são fotografados e a legenda traz seus respectivos nomes (disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/27/album/1393498852\\_135592.html#foto\\_gal\\_3](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/27/album/1393498852_135592.html#foto_gal_3)), bem como *Centro Gabo*, fundação criada em memória de Gabriel García Márquez que aborda o grupo de intelectual amigos e sua transfiguração ficcional em *Cem anos de solidão* (disponível em: <https://centrogabo.org/gabo/contemos-gabo/los-cuatro-discutidores-el-grupo-de-barranquilla-descrito-por-gabriel-garcia>). Apesar dessa ligação histórica entre as personagens e personalidades reais, ressalta-se que as análises se restringem ao que consta nas obras de Márquez, que apresenta sua interpretação subjetiva dos fatos, de seus amigos e de si, apresentando-os aos leitores a partir de uma determinada intencionalidade.

<sup>9</sup> *Ethé*: plural de *ethos*.

Para o desenvolvimento desse percurso, na seção *Ethos e homonímia: a imagem do eu ficcional pelo espelhamento do significante antroponímico*, apresentam-se discussões teóricas sobre o escopo teórico adotado no artigo. Na seção *Ethos e homonímia no Grupo de Barranquilla*, são apresentadas análises a partir de recortes das obras *Cem anos de Solidão* e *Viver para contá-la*, que evidenciam a construção da imagem do grupo de intelectuais e das personagens Germán, Alfonso, Álvaro e Gabriel. Já na seção *A homonímia como construção do ethos do autor-personagem e da memória subterrânea em Cem anos de Solidão e Viver para contá-la*, são apresentadas análises específicas sobre a personagem Gabriel, homônima de Gabriel García Márquez, que é seguida pelas considerações finais e pelas referências desta pesquisa.

### **ETHOS E HOMONÍMIA: A IMAGEM DO EU FICCIONAL PELO ESPELHAMENTO DO SIGNIFICANTE ANTROPONÍMICO**

A Retórica teve diferentes conotações na história. Conforme Abreu (2017, p. 27), a arte de convencer e persuadir surgiu em Atenas, na Grécia antiga, por volta de 427 a.C., quando os atenienses vivenciaram “a primeira experiência de democracia de que se tem notícia na história”. Na época, era muito importante dominar a argumentação, e os sofistas que mais se destacaram nessa arte foram Protágoras e Górgias.

Conforme Quintiliano<sup>10</sup> (2015), o primeiro estudioso grego da retórica foi Empédocles, sendo os primeiros escritores a relatar sobre conceitos de Empédocles os sicilianos Corax e Tisias, seguidos por Górgias. Entre os romanos, o precursor da retórica foi Marco Catão, o censor<sup>11</sup>, mas é a obra de Cícero que é ressaltada por Quintiliano como a mais importante da época: “O principal em dar brilho à eloquência, já com seus preceitos, e com as orações retóricas que compôs, foi Marco Túlio Cícero, um professor singular em oratória; depois do qual ninguém deveria ter a arrogância de escrever” (QUINTILIANO, 2015, p. 139, tradução nossa).

Os estudos retóricos clássicos da perspectiva aristotélica utilizavam o termo *ethos*<sup>12</sup> para designar a construção de uma imagem de si com o intuito de garantir o sucesso do

---

<sup>10</sup> Marcus Fabius Quintilianus foi um importante orador e professor de retórica romano, nascido em 35. De acordo com o prefácio da obra consultada para essa pesquisa, *Instituiones oratorias* é o resultado de 20 anos de ensino e muitos anos de prática do autor enquanto advogado.

<sup>11</sup> Marco Catão foi um político eleito cônsul romano em 195 a.C. Ficou conhecido como “o velho”, o “o censor” e “o sábio”, adjetivos que o distingue do bisneto que levou o mesmo nome, Marco Catão, o jovem. A obra *Vidas Paralelas* de Plutarco, por exemplo, menciona essa personalidade histórica como “Catão, o Censor” (PLUTARCO, 1960, p. 761).

<sup>12</sup> Considerando-se a especificidade deste estudo, as reflexões aqui apresentadas são centradas, no que tange à Retórica, à categoria *ethos*. Contudo, há que se ressaltar que o *ethos* é comumente apresentado na literatura associado às categorias *pathos* e *logos*. Aristóteles (2017) demonstrou a importância da persuasão e sistematizou,

empreendimento oratório (ARISTÓTELES, 2017). Já na perspectiva dos pensadores romanos, como a de Quintiliano (2015), o *ethos* era preexistente e apoiado à autoridade individual e institucional do orador, ou seja, ligado à reputação de sua família, seu *status* social, modo de vida etc., uma vez que, para o autor, o argumento exposto pela vida de um homem é mais importante que suas palavras.

Considerando que este artigo avalia o *ethos* em uma obra literária, são adotadas perspectivas teóricas clássicas e contemporâneas que observam a construção do *ethos* no próprio discurso. Conforme Mosca (2001), os ideais da retórica clássica, principalmente os aristotélicos, são retomados a partir da década de 1960 por Perelman e seus continuadores, bem como pela Retórica Geral ou Generalizada, do Grupo  $\mu$  de Liège (Bélgica). Assim, os estudos retóricos contemporâneos investigam o discurso persuasivo, “aquele destinado a agir sobre os outros através do *logos* (palavra e razão), envolve a disposição que os ouvintes conferem aos que falam (*ethos*) e a reação a ser desencadeada nos que ouvem (*pathos*)” (MOSCA, 2001, p. 22).

A importância do processo de construção da imagem de si para o convencimento já era convenção entre os pensadores gregos antigos. Em um debate realizado entre os sofistas<sup>13</sup> Górgias, Polo e Cálicles e o filósofo Sócrates, que foi registrado por Platão (2015), em 380 a.C., Górgias demonstrou a Sócrates que um auditório pode ser convencido por um bom orador a desempenhar determinado papel de relevância em detrimento de outro profissional com mais conhecimentos técnicos e especializados à função, porém, sem o domínio de estratégias de persuasão apropriadas:

Quanto mais se soubesses tudo, Sócrates: a retórica, por assim dizer, abrange o conjunto das artes, que ela mantém sob sua autoridade. Vou apresentar-te uma prova eloqüente disso mesmo. Por várias vezes fui com meu irmão ou com outros médicos à casa de doentes que se recusavam a ingerir remédios ou

---

pela primeira vez, como a argumentação é construída a partir do caráter pessoal do orador (*ethos*), do ato de levar o auditório a uma determinada disposição de espírito (*pathos*) e da construção do discurso (*logos*). Adam (2016), que desenvolveu pesquisa a partir dos estudos inseridos na Nova Retórica, enfatiza o fato de que a argumentação possui esses três pólos complementares, presentes em qualquer movimento argumentativo. A prioridade atribuída a cada um desses polos, *ethos*, *pathos* e *logos*, “tem efeitos tanto sobre sua composição [discurso] quanto sobre seu estilo, nos detalhes de sua verbalização”. Assim, o autor afirma que, para argumentar, o produtor do texto manipula esses três componentes.

<sup>13</sup> Conforme Abbagnano (1998, p. 934), os sofistas eram “mestres de retórica e cultura geral que exerceram forte influência sobre o clima intelectual grego entre os sécs. V e IV a.C. A Sofística não é uma escola filosófica, mas uma orientação genérica que os sofistas acataram devido às exigências de sua profissão. Seus fundamentos podem ser assim resumidos: 1º O interesse filosófico concentra-se no homem e em seus problemas, o que os sofistas tiveram em comum com Sócrates. 2º O conhecimento reduz-se à opinião e o bem, à utilidade. Consequentemente, reconhece-se da relatividade da verdade e dos valores morais, que mudariam segundo o lugar e o tempo. 3º Erística: habilidade em refutar e sustentar ao mesmo tempo teses contraditórias. 4º Oposição entre natureza e lei; na natureza, prevalece o direito do mais forte”.

a deixar-se amputar ou cauterizar; e, não conseguindo o médico persuadi-lo, eu o fazia com a ajuda exclusivamente da arte da retórica. Digo mais: se na cidade que quiseres, um médico e um orador se apresentarem a uma assembleia do povo ou a qualquer outra reunião para argumentar sobre qual dos dois deverá ser escolhido como médico, não contaria o médico com nenhuma probabilidade para ser eleito, vindo a sê-lo, se assim o desejasse, o que soubesse falar bem.

Apesar de a ilustração de Górgias parecer absurda na contemporaneidade, considerando que a escolha de um determinado profissional, como um médico, envolve avaliação de competências técnicas e acadêmicas, o exemplo ainda é válido se considerados outros campos sociais, como a política, em que candidatos podem ser eleitos pela capacidade de convencimento de um maior número de eleitores e não pela comprovação de habilidades. Górgias e Sócrates divergiam com relação à natureza da Retórica: Sócrates a considerava algo ruim devido à natureza de persuadir a partir das crenças de um auditório e Górgias a denominava como arte. Mas ambos concordaram que a retórica ocorre a partir de dois métodos de persuasão, “uma que é a fonte da crença, sem conhecimento, e a outra só do conhecimento” (PLATÃO, 2015, p. 15). Nesse cenário, evidencia-se que a construção de uma imagem envolve não só a mobilização de argumentos lógicos, mas também das crenças de uma determinada audiência.

Outro campo social em que a eloquência se sobressai é a literatura, uma vez que, segundo Maingueneau (2012), as obras literárias originam situações de enunciação. Entende-se que em uma diegese o criador das obras literárias constrói a imagem de personagens e convence a audiência a aderir determinado ponto de vista por meio de “cenas de enunciação”. Em uma “cena de enunciação”, conforme Maingueneau (2012, p. 250), “considera-se a enunciação pelo seu ‘interior’, mediante a situação que a fala pretende definir, o quadro que ela mostra (no sentido pragmático) no próprio movimento em que se desenrola”.

Nesse sentido, levando em conta que este artigo analisa um *corpus* literário, reflete-se sobre a perspectiva teórica de Maingueneau (2016, p. 70), que afirma que o *ethos* discursivo “está ligado à enunciação, não a um ser extradiscursivo sobre o enunciador”. Nessa esfera, considera-se que o *ethos* é construído por meio da eficácia da palavra, a partir da qual uma imagem busca causar impacto e suscitar a adesão. Conforme o autor, o *ethos* escritural é muito diferente do tradicional *ethos* oral, pois, “trata-se de dois regimes muito diferentes, uma vez que o segundo impõe a fala imediata de um locutor encarnado, enquanto o primeiro exige do leitor um trabalho de elaboração imaginária a partir de indícios textuais diversificados” (MAINGUENEAU, 2016, p. 74).

Assim, na seção de análises, que é apresentada a seguir, demonstra-se que os *ethé* das personagens Germán, Alfonso, Álvaro e Gabriel e do Grupo Barranquilla são construídos a partir de pistas linguísticas inseridas no texto pelo autor. Além disso, a construção de *ethos* por meio da comparação entre as duas obras, *Cem anos de Solidão* e *Viver para contá-la*, é possibilitada, na enunciação, aos leitores que realizam comparação entre os elementos homônimos presentes em ambas.

Para Amossy (2016), que também realizou reflexões sobre *ethos* discursivo, é peça central da retórica e “está fortemente ligado à enunciação. [...] Efetivamente, o ato de produzir um enunciado remete necessariamente ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la”. A autora reflete sobre a perspectiva da teoria polifônica da enunciação (pragmática semântica), em que é o próprio enunciado que fornece instruções sobre a construção dos sentidos. Ou seja, não se devem confundir as instâncias internas do discurso com o ser empírico que se situa fora da linguagem. Assim, ao optarmos por esta perspectiva teórica, neste artigo, as análises verificam a enunciação da obra ficcional *Cem anos de Solidão*, considerando também enunciados da autobiografia *Viver para contá-la*.

Dentre as possíveis crenças para a criação de um *ethos*, destaca-se, nesta pesquisa, àquelas relacionadas à doação de um traço significante (LACAN, 2003) dado pelo outro: a nomeação. O estudo dos nomes próprios de pessoa – dados pela Antroponomástica (GUÉRIOS, 1973; SEIDE, 2016) – bem como das implicaturas envolvidas no processo de nomeação fazem parte de uma das grandes áreas da ciência Onomástica<sup>14</sup>, supracitada enquanto ciência linguística que estuda os nomes próprios (GUÉRIOS, 1973; VASCONCELLOS, 1930). Os estudos antroponomásticos, hoje, subdividem-se em diversos vieses: histórico, etimológico, referencial, social, psicológico, literário, dentre outros.

Quanto à última focalização, relacionada à Antroponomástica Literária, cujo fim é o estudo dos nomes ficcionais, para além da delimitação das especificações dos ápices poéticos dados ao discurso pelo nome próprio, como sumarizações, antíteses, ironias, alegorias, dentre outros fenômenos conotativo-discursivos (DEBUS, 2002; ECKERT RÖHRIG, 2020; CAMARGO, 2018, 2019, 2020a, 2020b; SEIDE, 2020) os nomes são contemplados enquanto um dos principais aspectos identitários e imagéticos do ente ficcional, cujo significante não deixa de advir de uma escolha antroponímica enunciada por emissor atravessado ideologicamente: o autor.

---

<sup>14</sup> Para Guérios (1973), as duas grandes áreas em que se subdividem a ciência Onomástica e suas respectivas linhas de estudo são a Antroponomástica e a Toponomástica, esta última enquanto estudo dos nomes de lugares.

Algumas motivações atroponímico-ficcionais extrapolam as funções acima explicitadas e apresentam base psicossocial comum às motivações atroponímicas em sociedade, como a escolha de um prenome homônimo, ou seja, parecido ou idêntico a de outro *homo sapiens* (CANDIDO, 1976). Tal motivação atroponímica na instância social se dá, geralmente, por crenças de ordem onomatômica; ou em homenagem a um familiar ou por influência midiática; ambas, em suas origens, estão enraizadas na crença irracional de que o nome exerce influência sobre a personalidade do nomeado, o que Guérios (1973) denomina como Onomatômica. Nesse fenômeno comum na atroponímia em sociedade, o nomeador deseja que as características positivas do portador de um nome conhecido sejam transmitidas ao recém batizado.

Na literatura latino-americana contemporânea, a homonímia entre autor e personagem, ou seja, a correspondência entre prenome ficcional e civil tem sido comum em estéticas autoficcionais, nas quais os autores propõem dramatizações de si (KLINGER, 2008), materializadas em uma espécie de *homo fictus* (CANDIDO, 1976) duplo, [...] “ao mesmo tempo real e fictício, pessoa (ator) e personagem” (KLINGER, 2008, p. 25) que compartilha de dores e vivências sem que haja qualquer pacto autobiográfico<sup>15</sup> (LEJEUNE, 1996), ainda que possa haver outro de ordem ambígua (FAEDRICH, 2014). Em *Cem anos de Solidão* não há qualquer pacto, seja autobiográfico, seja ambíguo, sendo perceptível, mediante a narrativa cíclico-maravilhosa, que a fabulação não se limita à escrita de si – ainda que transfigure a memória afetiva em matéria literária.

A obra de Gabriel García Márquez adere ao princípio romanescos da invenção no qual ainda que haja infiltrações memorialísticas da ordem do real, não há qualquer potencialidade dos elementos biográficos; pelo contrário; estes, em meio ao centro narrativo: a caracterização de um mito, mediante uma família edênica - junção dos Arcádios e Buendías – são dissolvidos pela matéria romanesca-maravilhosa, sendo passíveis de recuperação apenas por fontes externas: a comparação do romance à biografia do autor, a partir da qual se percebem infiltrações de ordem atroponímica e histórica<sup>16</sup>. As personagens *Gabriel, Álvaro, Germán e Alfonso* comuns ao convívio com a sexta linhagem dos Buendía, mais especificamente com

---

<sup>15</sup> O pacto autobiográfico é uma espécie de “contrato entre o autor e leitor” (FAEDRICH, 2016, p. 32), a partir do qual o autor afirma sua identidade; geralmente, corresponde-se nome do autor e narrador. Ainda assim, “[...] As formas de pacto autobiográfico são muito diversas, mas todas elas manifestam a intenção de honrar a sua assinatura. [...] A autobiografia não é um jogo de adivinhação.” (LEJEUNE, 2014, p.30 apud FAEDRICH, 2016, p. 32).

<sup>16</sup> Na obra *Cem anos de solidão*, não há menções de que algumas personagens possuem personalidades históricas homônimas, uma vez que a obra se trata de um texto literário. Essa compreensão é possível a partir da leitura de *Viver para Contá-la*, que explicita parte da esfera biopsicossocial circundante de Gabriel García Márquez.

Aureliano, são exemplos da infiltração de ordem antroponímica e materializam pelo significante antroponímico a intenção biográfica do autor, uma vez que tais nomes ficcionais são homônimos factuais de amigos de Gabriel García Márquez, caracterizados em *Viver para Contá-la* (2003).

No momento em que o autor propõe uma personagem homônima a si, instaura-se “[...] um ato comunicativo que serve a uma função de identidade” (LASKOWVISKI, 2010, p. 84, tradução nossa), na qual a identidade dada por igualdade expressa, pela semelhança onomínica, subterrâneos identitários e psicológicos para além da construção socioidentitária de identificação, nos quais tanto a personagem Gabriel quanto o autor Gabriel García Márquez têm contato com uma narrativa trágica pela oralidade: *La masacre de las bananeras* (CARBÓ, 1998) e as compartilham - através da construção de um *ethos* híbrido – a partir de um contexto memorialístico subterrâneo (POLLAK, 1989).

Considerando que a construção dos sentidos de uma obra literária ocorre a partir da interação, em decorrência do processo de enunciação, há que se ressaltar que ao nomear uma personagem de forma homônima a si, Márquez constrói sentidos na trama e empresta características de sua própria identidade à encenação da imagem do Gabriel ficcional, o que pode contribuir aos leitores do romance a inferir singularidades não explicitadas na trama ao personagem, principalmente entre os leitores que possuem conhecimentos enciclopédicos sobre o autor. Contudo, ressalta-se que o oposto não ocorre, ou seja, não se pode, a partir da reflexão sobre a diegese, inferir características do *ethos* de Márquez, uma vez que se trata de uma narrativa cíclico-maravilhosa. Na sequência, propomos o delineamento do *ethos* – construído na instância do discurso literário (MAINGENEAU, 2012) – dos homônimos Álvaro, Germán, Alfonso.

### **ETHOS E HOMONÍMIA NO GRUPO DE BARRANQUILLA**

Em *Cem anos de solidão*, o quarteto Álvaro, Germán, Alfonso e Gabriel é apresentado como um “grupo de debatedores [...] primeiros e últimos amigos que [Aureliano] teria em vida” (MÁRQUEZ, 2009, p. 216). Aureliano também era “[...] ligado aos quatro amigos por uma mesma amizade e uma mesma solidariedade, a ponto de pensar neles como se fossem um só” (MÁRQUEZ, 2009, p. 217), assim como se dá em *Viver para Contá-la* (2003), texto autobiográfico do autor em que subtraindo o homônimo de si mesmo – Gabriel –, Álvaro, Germán e Alfonso são apresentados como Grupo de Barranquilla, formado por “[...] escritores

e artistas jovens que exerciam uma certa liderança na vida cultural da cidade [...] e tantas coisas em comum que se dizia por ironia que éramos filhos do mesmo pai (MÁRQUEZ, 2003, p. 73).

Logo, há um entrecruzamento identitário expressivo que, marcado pela homonímia, constrói a imagem de um grupo de intelectuais, cujo vínculo extrapola os estudos literários e beira a irmandade. Quanto aos *ethé*, constata-se que o autor materializa no discurso ficcional não só características intelectuais inerentes a personalidades históricas reais, o que fica explícito na comparação entre a ficção e a obra autobiográfica, mas também a ligação afetiva entre as personagens. Ressalta-se que ao explicitar esses traços das personagens, o autor imprime características positivas aos *ethé*, que têm suas singularidades associadas a valores como liderança, juventude, inteligência, irmandade, cultura, amizade e solidariedade. Verificam-se, então, a construção de *ethé* individuais, em que são apresentadas as imagens das personagens Álvaro, Germán, Alfonso e Gabriel, com suas respectivas singularidades, e a construção do *ethos* do Grupo de Barranquilla. Sobre a afetividade demonstrada na narrativa maravilhosa<sup>17</sup>, há um espelhamento na obra *Viver para Contá-la*, em que o autor demonstra admiração e intimidade com relação aos três homônimos:

Três do grupo original distinguiram-se pela sua independência e pela força das suas vocações: **Germán Vargas, Alfonso Fuenmayor e Álvaro Cepeda Samudio**. [...] **estávamos** marcados e gostavam pouco de **nós** em certos meios devido à **nossa** independência, vocações irresistíveis, uma determinação criativa que abria passagem à cotovelada e uma timidez que cada um resolvia à sua maneira e nem sempre muito bem. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 73, **grifo dos autores**).

Para a construção do *ethos* do grupo, evidencia-se como estratégia retórica, em nível linguístico, a utilização da primeira pessoa do plural com função *exclusiva*<sup>18</sup> em oposição a outros objetos da interação e do discurso (*nós* x *eles/vocês*)<sup>19</sup>. Nota-se que o autor constrói no

---

<sup>17</sup> No realismo maravilhoso, “[...] o sobrenatural é uma contingência natural para as personagens, as quais creem em poderes mágicos, desfazendo-se qualquer mistério; [...] a normalidade e a sobrenormalidade se associam para construir no texto um “outro” sentido [...] há uma atualização do cotidiano” (FIGUEIRA, 2000, pp. 31-32).

<sup>18</sup> Segundo Manetti (2015, p. 29, tradução nossa), no pronome *nós*, “realiza-se uma particular junção entre o *eu* e o *não-eu*, traz como prova desta afirmação a diferenciação do pronome de primeira pessoa do plural em duas formas - o *nós inclusivo* e o *nós exclusivo* - que foi criada em várias línguas”. Essa classificação foi realizada, inicialmente, por Benveniste, que definiu o *nós inclusivo* como “a junção da pessoa não subjetiva com o *eu* implícito” e o *nós exclusivo* como a junção do eu com a “não pessoa” (BENVENISTE, 1991, p. 257). O produtor do texto opta pela utilização do *nós inclusivo* quando inclui seus interlocutores como parte de seu grupo (*tu, vós*). Já o *nós exclusivo* é utilizado quando o produtor fala sobre si de modo a integrar objetos discursivos e não presentes na interação (*ele, ela, eles, elas*), e essas estratégias podem ser mobilizadas para a construção de diferentes *ethé* (BINI, 2021; CORBARI; BINI, 2022).

<sup>19</sup> Conforme Bini e Sella (2019), em nível linguístico, a primeira pessoa do plural pode ser utilizada pelo produtor do texto como uma estratégia retórica de construção de *ethos* de credibilidade, com diversas instâncias de sentido, uma vez que, dependendo da intencionalidade do articulista, é possível incluir ou não determinados sujeitos no

discurso um sentido de deslocamento e oposição do Grupo de Barranquilla em comparação aos outros, o que adere ao conjunto dos integrantes uma identidade e singularidade associada principalmente à independência, e, em segundo plano, à determinação criativa, e à timidez.

Com relação à caracterização individual de cada ente ficcional, em *Cem anos de solidão* (2009), Germán é pouco citado, porém, nas quatro passagens que constam sua referência, evidencia-se que o *ethos* da personagem compreende um comportamento que contempla desde o revolucionário - ao propor colocar fogo “no bordelzinho imaginário<sup>20</sup>” de Macondo e demonstrá-lo uma miragem para que o acreditassem - até o cuidado e empatia com uma personagem referenciada enquanto “sábio catalão<sup>21</sup>”, dono de uma livraria de Macondo e mentor do grupo que se decide por viajar e cabe a Germán e Aureliano o auxílio quanto à organização da viagem que o dono da livraria realizaria:

Germán e Aureliano tomaram conta dele. Ajudaram-no como a um menino, prenderam nos seus bolsos, com alfinetes de gancho, as passagens e os documentos de viagem, escreveram uma lista pormenorizada do que ele devia fazer desde que saísse de Macondo até desembarcar em Barcelona, mas assim mesmo ele jogou no lixo, sem perceber, um par de calças com a metade do seu dinheiro (MÁRQUEZ, 2009, p. 223).

Assim, verifica-se que Márquez constrói para Germán um *ethos* ligado a valores positivos como a sabedoria, a busca não só por conhecer a verdade, mas também por demonstrá-la aos demais, além da responsabilidade, do cuidado e da empatia. Na diegese ficcional, nota-se que a personagem possui um *ethos* de liderança e perspicácia.

A personagem também é construída enquanto aquela que, ao lado de Aureliano, seguiu respondendo as cartas do sábio catalão, até que as correspondências se acabam. Por fim, Germán é apresentado como o segundo a abandonar Macondo, ao lado de Alfonso, saíram “num sábado com a ideia de voltar na segunda, e não se soube mais deles” (MÁRQUEZ, 2009, p. 224). Em *Viver para Contá-la*, Germán é minuciosamente descrito:

---

discurso.

<sup>20</sup>A colocação do adjetivo “imaginário” e “de mentira” ao lado do substantivo bordel, utilizada pelo narrador propõe uma crítica irônica associada à condição do local decrépito, bem como das prostitutas que lá trabalhavam, em oposição aos almanaques de Macondo pendurados no local antes a chegada da companhia bananeira, demonstrando a riqueza do local, que à época já se assemelhava ao bordel: tamanha miséria que se fazia impossível tal realidade; logo, Macondo “esquecido até pelos pássaros” (MÁRQUEZ, 2009, p.225) também se desintegrava.

<sup>21</sup>A forma com que Gabriel García Márquez nomeia tal personagem em *Cem anos de solidão* (2009) é homônima à forma com que a nomeia em “*Viver para Contá-la*”, exercendo homo sapiens e homo fictus as mesmas funções sociais: donos de uma livraria e mediadores do grupo de intelectuais. Em “*Viver para Contá-la*”, além de tal referência, acrescenta-se o ortônimo do “sábio catalão”: “D. Ramón Vinyes, dramaturgo e livreiro lendário” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 73).

Germán Vargas Cantillo era articulista do vespertino El Nacional, crítico literário certeiro e mordaz, com uma prosa tão diligente que **podia convencer o leitor de que as coisas sucediam apenas porque ele as contava**. Foi um dos melhores locutores da rádio e, sem dúvida, o mais culto naqueles bons tempos de ofícios novos, e um exemplo difícil do repórter natural que eu teria gostado de ser. Louro e de ossos fortes e olhos de um **azul perigoso**, nunca foi possível entender com que tempo estava a par de tudo o que era digno de ser lido. Não vacilou um instante na sua prematura obsessão de descobrir valores literários ocultos em lugares remotos da Província esquecida para os expor à luz pública (MÁRQUEZ, 2003, p. 73).

É perceptível que a busca revolucionária pelo convencimento comum à personagem Gérman também se faz presente em *Viver para Contá-la* (2003) e a descrição física da personagem, mais especificamente da cor de seus olhos – azul – acrescida do adjetivo “perigoso”, dialoga com o comportamento da personagem anteriormente descrito. Em relação ao *ethos*, verifica-se que o autor apresenta aos leitores uma imagem positiva do amigo, tanto em relação às características físicas quanto em relação às características psicológicas, como sua cultura, credibilidade e capacidade de eloquência por meio da voz e da escrita quanto em relação<sup>22</sup>.

Dois recursos retóricos que se destacam para a construção do *ethos* da personagem Gérman são a comparação e a ressignificação de termos geralmente utilizados associados a valores negativos. Sobre a comparação, nota-se que Gabriel define o amigo como um exemplo difícil de repórter natural que ele teria gostado de ser. Por meio da afirmação, é possível que os leitores subentendam que Gérman possui habilidades que Gabriel gostaria de ter em relação à percepção fenomenológica dos fatos e de sua transmissão por meio da eloquência, mesmo sendo Gabo um célebre escritor. Já em relação aos termos ressignificados, destacam-se os adjetivos (I) “mordaz” e (II) “perigoso” e o substantivo (III) “obsessão”, que, no texto, são empregados como intensificadores de qualidades como (I) precisão, (II) beleza e (III) extrema motivação.

Verifica-se que todas essas características apresentadas na obra autobiográfica vão ao encontro do que consta sobre Gérman também em *Cem anos de solidão*. Pode-se fazer um paralelo, por exemplo, entre a descrita “obsessão por descobrir valores literários ocultos em lugares remotos da Província esquecida para os expor à luz pública”, de Gérman, em *Viver para Contá-la*, e o desejo da personagem homônima ficcional em incendiar o bordel imaginário para

---

<sup>22</sup> Considera-se a possibilidade de os leitores do romance que não tenham acesso à obra biográfica associem características ao personagem a partir do significado do seu nome. Germán e germânico têm o mesmo étimo e a personagens tem aparência germânica, além de ser irmão/parceiro do autor. Há também o mesmo étimo ligando as palavras Hermano (irmão, em espanhol) e germano. Contudo, uma vez que o nome da personagem é homônimo a uma personalidade histórica, não é possível afirmar a real motivação do nome.

que a população descobrisse a verdade, uma vez que ambos têm como característica singular o sentimento de necessidade de compartilhar suas descobertas.

As personagens Alfonso e Álvaro recebem atenção descritiva do narrador em *Cem anos de solidão* (2009) pela focalização breve de ações narrativas, cujo pouco detalhamento, o apressado ilógico da narrativa coloca-as na posição da ordem do maravilhoso. Quanto à primeira personagem, cita-se o torcimento do pescoço de um papagaio e a invenção de que pássaros “arrancaram a bicadas os olhos de quatro clientes que tinham se portado mal na semana anterior” (MÁRQUEZ, 2009, p.220). Faz-se agregador, porém, propor um paralelo entre a descrição desses fatos e sua menção em *Viver para Contá-la*:

Nem tudo foram más noites. A de 27 de Julho de 1950, na sala de festas da Negra Eufemia, teve um certo valor histórico na minha vida de escritor. Não sei por que boa causa, a dona tinha mandado fazer um sancocho épico de quatro carnes, e os alcaravões, alvoroçados pelos odores silvestres, aumentaram os chiados em redor do fogão. Um cliente frenético agarrou um alcaravão pelo pescoço e deitou-o vivo na panela a ferver. O animal conseguiu apenas lançar um uivo de dor, com um adejar final, e afundou-se nos profundos infernos. O bárbaro assassino tentou agarrar outro, mas a Negra Eufemia estava já levantada do trono com toda a sua imponência. - Quietos, carago - gritou - que os alcaravões vão lhes arrancar os olhos! Só a mim me importou, porque fui o único que não tive coragem para provar o sancocho sacrílego. Em vez de ir dormir, precipitei-me para o escritório da Crónica e escrevi de uma tirada só a história de três clientes de um bordel a quem os alcaravões arrancaram os olhos e ninguém acreditou (MÁRQUEZ, 2003, p. 329).

Tal trecho nos presta à ilustração do processo de articulação de fatos cotidianos à estética maravilhosa, presente em Gabo, bem como as dimensões inclusivas dos amigos intelectuais a vivências pessoais. Há que se ressaltar que, uma vez que Márquez constrói um *ethos* com elementos compartilhados entre todo o Grupo de Barranquilla, não é possível desassociar Alfonso de características como a intelectualidade, a independência e a criatividade. Por outro lado, ao apresentar as especificidades individuais de todos os integrantes, é possível estabelecer uma escala gradativa das habilidades desses personagens, sendo uma possibilidade aos leitores considerar Alfonso como o mais criativo e impulsivo entre os amigos.

Ainda com relação a *Alfonso*, chama a atenção uma passagem específica, na qual a personagem perde papéis de valor literário e afetivo para o avô, o sábio catalão, porém: “Quando o avô sábio soube, em vez de fazer o escândalo temido comentou morrendo de rir que aquele era o destino natural da literatura” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2009). Ainda que pouco explorada por críticos brasileiros quanto aos ares de comentário crítico-literário, essa passagem

propõe um implícito – construído pela ironia – relacionado à efemeridade da literatura, que sempre terá um primeiro e último leitor. A atitude do avô de Alfonso – rir-se da perda dos papéis valorosos – é narrada como paradoxal, marcada pela locução conjuntiva “em compensação”, uma vez que, quando se decide por partir de Macondo para sua terra natal:

[...] não houve poder humano capaz de persuadi-lo a não levar os três caixotes quando regressou à sua aldeia natal, e soltou improperios cartagineses contra os inspetores da estrada de ferro que tentavam mandá-los como carga, até que conseguiu ficar com eles no vagão de passageiros. **“O mundo terá acabado de se foder”**, disse então, **“no dia em que os homens viajarem de primeira classe e a literatura no vagão de carga.”** Isso foi a última coisa que o ouviram dizer (MÁRQUEZ, 2009, p. 209-210).

Esse trecho explicita uma lógica de ordem concessiva, uma vez que, embora a literatura seja efêmera, é preciso colocá-la em sua devida ordem de importância; alegoricamente, onde a vida é um vagão - com início, meio e fim - a literatura ocupa a primeira classe. O humor ácido característico do *ethos* do sábio catalão em *Cem anos de solidão* ecoa nas esperanças factuais de Alfonso Fuenmayor de manter viva a relevância da Literatura, expressas em *Viver para Contá-la*:

**Alfonso Fuenmayor** era um excelente escritor e jornalista de vinte e oito anos que manteve por longo tempo em El Heraldo uma coluna de actualidade - "Aire del dia" - com o pseudónimo shakespeariano de Puck. **Quanto mais conhecíamos a sua informalidade e o seu sentido de humor, menos entendíamos que tivesse lido tantos livros em quatro idiomas de quantos temas era possível imaginar.** [...] A ideia do semanário era de **Alfonso Fuenmayor** e muito anterior àqueles dias, mas tenho **a impressão de que a viagem do sábio catalão a precipitou.** Reunidos com esse propósito no Café Roma, três noites depois, Alfonso informou-nos que tinha tudo pronto para o arranque. Seria um semanário tablóide de vinte páginas, jornalístico e literário, cujo nome - Crónica - não diria muito a ninguém. [...] havia razões para pensar que seria bem recebido numa cidade que, no meio dos seus tumultos industriais e vaidades cívicas, **mantinha viva a devoção pelos seus poetas** (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 82).

Evidencia-se, em *Viver para Contá-la*, que Márquez, a partir de suas escolhas linguísticas, constrói para Alfonso um *ethos* de sabedoria e mistério. Novamente, verifica-se que o articulista utiliza o *nós exclusivo* como estratégia retórica para ressaltar as singularidades da personagem em relação ao grupo e aos demais. Ao utilizar a primeira pessoa do plural em uma escala argumentativa, “Quanto mais **conhecíamos** [...], menos **entendíamos**”, Gabo demonstra que a percepção sobre o amigo também era compartilhada pelos demais integrantes

do Grupo de Barranquilla, o que adere maior credibilidade à imagem de mistério associada à personagem Alfonso.

Alfonso é apresentado como um intelectual que domina quatro idiomas; e como um leitor voraz sobre generalidades, mas que prefere um estilo de escrita informal e a utilização de um pseudônimo para publicar seus textos. Assim, uma comparação entre as personagens homônimas na autobiografia e na obra ficcional possibilita a compreensão de Gabo utilizou o elemento maravilhoso em *Cem anos de solidão* para representar alegoricamente o estilo reservado e destoante de outras personalidades intelectuais da época característico de Alfonso.

Em *Cem anos de solidão*, a ausência do velho catalão, por seu turno, parece ser latente na personagem Álvaro, que segue em primeira ordem o conselho de abandonar Macondo. Tal personagem é marcada pela ironia, dentre as passagens relacionadas aos elementos maravilhosos que lhe cabem, principalmente a descoberta do bordel *O menino de ouro*, bem como de que “a literatura fosse o melhor brinquedo que se inventara para zombar das pessoas” (MÁRQUEZ, 2009, p. 216). Álvaro é apresentado também como aquele que “assustava os jacarés com as suas gargalhadas de estardalhaço” (MÁRQUEZ, 2009, p. 220). A partir dessas passagens, constata-se que Márquez constrói para a personagem, na diegese ficcional, um *ethos* associado a valores como alegria, bondade, confiança e ordem. Em *Viver para Contá-la* (2003, p. 298), a personagem também se destaca pela ironia e a descoberta de um bordel:

Fora do bairro chinês havia outras casas, legais ou clandestinas, e todas em boas relações com a polícia. Uma delas era um pátio de grandes amendoeiras floridas num bairro de pobres, com uma tasca de má morte e um quarto com dois catres de aluguer. A sua mercadoria eram as meninas anêmicas da vizinhança, que ganhavam um peso por golpe com os bêbados perdidos. Álvaro Cepeda descobriu o lugar por acaso, numa tarde em que se perdeu no aguaceiro de Outubro e teve que se refugiar na tasca. A dona convidou-o para uma cerveja e ofereceu-lhe duas meninas em vez de uma com direito a repetir enquanto não estiasse. Álvaro continuou a convidar amigos a beberem cerveja gelada sob as amendoeiras, não para folgarem com as meninas mas para as ensinarem a ler. Conseguiu bolsas para as mais aplicadas a fim de estudarem em escolas oficiais. Uma delas foi enfermeira do Hospital de Caridad durante anos. À dona ofereceu a casa, e o infantário de má morte teve até à sua extinção natural um nome tentador: "A casa das meninas que vão para a cama por fome".

Em relação ao *ethos* de Álvaro em *Viver para Contá-la*, verifica-se que Gabo ressalta características positivas do amigo, com foco em sua filantropia, responsabilidade social e entendimento de que o conhecimento pode transformar vidas marginalizadas. O ato de ensinar

mulheres que se prostituem devido à fome, inclusive distribuindo bolsas de estudo, possibilitou, inclusive, que uma das mulheres se tornasse enfermeira.

O próprio nome do bordel dado por Gabo em *Viver para Contá-la* repete na descrição de Gabo quanto ao local em que o grupo em *Cem anos de Solidão* costumava a se reunir: “casa de umas garotas que se deitavam por fome, um bordel de mentira nos arrabaldes de Macondo” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2009, p. 216). Da tessitura narrativa de Gabo em *Viver para Contá-la* (2003) os entes factuais *Germán Vargas, Alfonso Fuenmayor e Álvaro Cepeda Samudio* dialogam com os entes ficcionais de mesmo nome em *Cem anos de Solidão*, fazendo da homonímia do nome matéria prima do *ethos* do grupo e dos *ethé* individuais dos intelectuais implicitamente absorvido pelas sumarizações onomatômicas. A título de sistematização da construção desses *ethos*, apresenta-se o Quadro 1:

Quadro 1 – Sistematização dos *ethé* das personagens *Álvaro, Germán e Alfonso* e do Grupo Barranquilla

	<i>Cem anos de solidão</i>	<i>Viver para Contá-la</i>	Principais estratégias retóricas que possibilitam a construção de <i>ethos</i>
<i>Álvaro</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Ironia;</li> <li>* “Assustava os jacarés com as suas gargalhadas de estardalhaço”;</li> <li>* Alegria;</li> <li>* Bondade;</li> <li>* Confiança e obediência à ordem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Filantropia;</li> <li>* Responsabilidade social;</li> <li>* Entendimento de que o conhecimento pode transformar vidas marginalizadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Homonímia/onomatômica;</li> <li>* Associação a elementos do maravilhoso;</li> <li>* Adjetivos e substantivos que reforçam as singularidades da personagem.</li> </ul>
<i>Germán</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Revolucionário;</li> <li>* Cuidadoso/empático;</li> <li>* Liderança;</li> <li>* Perspicácia;</li> <li>* Sabedoria e necessidade de compartilhar seu conhecimento;</li> <li>* Segundo a abandonar Macondo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Escritor do jornal <i>El Nacional</i>;</li> <li>* Crítico literário certo, “mordaz” e persuasivo;</li> <li>* Um dos melhores locutores de rádio da sua época;</li> <li>* “Louro e de ossos fortes e olhos de um azul perigoso”;</li> <li>* Repórter natural que Gabriel teria gostado de ser.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Homonímia/onomatômica;</li> <li>* Ressignificação de termos geralmente associados a valores negativos;</li> <li>* Comparação com Gabriel García Marquez;</li> <li>* Adjetivos e substantivos que reforçam as singularidades da personagem.</li> </ul>
<i>Alfonso</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* + criativo e + impulsivo entre os amigos;</li> <li>* Reconhece a efemeridade da literatura;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Excelente escritor e jornalista;</li> <li>* Extremamente culto;</li> <li>* Estilo de escrita informal;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Homonímia/onomatômica;</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>* Domina quatro idiomas;</li> <li>* Leitor voraz de generalidades;</li> <li>* Estilo reservado e destoante de outras personalidades intelectuais da época.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Associação a elementos do maravilhoso;</li> <li>* Associação ao mistério;</li> <li>* Adjetivos e substantivos que reforçam as singularidades da personagem.</li> </ul>
Grupo Barranquilla	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Grupo de debatedores;</li> <li>* Primeiros e últimos amigos que Aureliano teria em vida;</li> <li>* Compartilham a mesma amizade e a mesma solidariedade, a ponto de a personagem Aureliano pensar neles como um só.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Escritores e artistas jovens que exerciam uma certa liderança na vida cultural da cidade;</li> <li>* Irmandade;</li> <li>* Independência e força nas vocações irreversíveis;</li> <li>* Determinação criativa;</li> <li>* Timidez;</li> <li>* Deslocamento dos escritores em relação ao restante da sociedade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* <i>Nós exclusivo</i>;</li> <li>* Focalização a partir da personagem Aureliano;</li> <li>* Adjetivos e substantivos que reforçam as características do grupo.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelos autores.

A construção da personagem *Gabriel* é apresentada na seção que segue. Optou-se por tal análise dilatada especialmente por esta trazer pela homonímia a polifonia de vozes memorialísticas contempladas pela vivência biográfica do autor e pela oralidade do avô biológico deste quanto a um fato histórico: *La masacre de las bananeras*, explorado a seguir.

### **A HOMONÍMIA COMO CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO AUTOR-PERSONAGEM E DA MEMÓRIA SUBTERRÂNEA EM *CEM ANOS DE SOLIDÃO E VIVER PARA CONTÁ-LA***

[...] contar a história verdadeira dá má sorte. Consola-me, no entanto, que às vezes a história oral possa ser melhor do que a escrita e sem saber estejamos a inventar um novo gênero que já faz falta à literatura: a ficção da ficção (GARCÍA MÁRQUEZ, 2003, p. 317).

A presença da oralidade ancestral em *Cem anos de Solidão* atrelada à memória subterrânea<sup>23</sup> (POLLACK, 1989) fazem de tal obra um romance de memórias (SANTOS; BELINNI, 2018), cujo viço memorial, no qual tanto a homonímia quanto fatos históricos

<sup>23</sup> Na formação de uma memória coletiva (oficial) há uma violência simbólica que silencia subjetividades. Nesse sentido, as memórias silenciadas ou subterrâneas “[...] prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados”. (POLLAK, 1989, p. 4).

transparecem, entrelaça-se à estética maravilhosa sem necessidade de um pacto autoficcional ou biográfico. Dentre os fios condutores da vivência do autor, frisa-se, nesta pesquisa, o *ethos* da personagem *Gabriel*, que traz à luz memórias do avô de Gabo quanto *La masacre de las bananeras*, sem espaço na memória hegemônica colombiana tampouco ficcional de *Cem anos de Solidão*:

Embora Aureliano se sentisse ligado aos quatro amigos por uma mesma amizade e uma mesma solidariedade, a ponto de pensar neles como se fossem um só, **estava mais próximo de Gabriel do que dos outros**. O vínculo nasceu na noite que ele falou casualmente do Coronel Aureliano Buendía e Gabriel foi o único que não acreditou que ele estivesse zombando de ninguém. [...]. Gabriel, pelo contrário, não punha em dúvida a realidade do Coronel Aureliano Buendía, porque tinha sido companheiro de armas e amigo inseparável do seu bisavô, o **Coronel Gerineldo Márquez**. Aquelas veleidades da memória eram ainda mais críticas quando se falava da matança dos trabalhadores. Cada vez Aureliano tocava neste ponto[...] algumas pessoas [...] se obstinavam em afirmar o que afinal de contas tinha ficado estabelecido nos expedientes judiciais e nos textos da escola primária: que a companhia bananeira nunca existira. De modo que **Aureliano e Gabriel estavam ligados por uma espécie de cumplicidade, baseada em fatos reais em que ninguém acreditava e que tinham afetado as suas vidas a ponto de ambos encontrarem à deriva, na ressaca de um mundo acabado que só restava a saudade** (MÁRQUEZ, 2009, p. 217).

Os relatos orais que Aureliano e Gabriel compartilham com relação ao massacre datado de 06 de dezembro de 1928, no Departamento de Magdalena – a morte de trabalhadores encurralados pelo Estado e assassinados a tiros devido à greve contra a empresa *United Fruit Company* (SILVA, 2016) – intensificam o laço de identificação entre as personagens marginalizadas pelo fato de serem detentoras de memórias também marginalizadas e antes individuais. A consequência do encontro das personagens é a junção de forças de memórias sufocadas que juntas germinam um enfrentamento à memória oficial e coletiva, configurando, pois, os relatos de ambas as personagens, o que Pollak (1984, p. 4) aponta como memória subterrânea.

Ainda que Gabo proponha uma hiperbolização do número de mortos (CARBÓ, 1998) – considerados na ficção<sup>24</sup> 3000 e historicamente aproximados em dezenas (ELÍAS CARO, 2011)<sup>25</sup> – a descrição do silenciamento da memória do massacre pelos entes oficiais e pela

<sup>24</sup> “Según García Márquez, sólo un pequeño número de personas —3, 5 ó 17—, habrían muerto durante la huelga, cifras significativamente distantes de los 3.000 muertos que aparecen en su novela [...]” (CARBÓ, 1998, p.3).

<sup>25</sup> Ainda que se considere tal aproximação, os números são inconclusos e não se pode negar que “[...] as informações apresentadas pelo Estado colombiano e pela United Fruit Company são deturpadas, fatos que serviram de base para inspirar uma parte do romance Cem Anos de Soledad del Nóbel na literatura Gabriel García Márquez” (ELÍAS CARO, 2011, p. 99, tradução dos autores).

própria população silenciada faz-se reflexo da realidade colombiana<sup>26</sup> em meados da terceira década do século XX. Nas palavras de Camargo (2020b, s.p),

A questão da memória subterrânea das personagens reflete a violência para a existência de uma memória coletiva: enterra-se a memória individual junto dos corpos indigentes, sem direito à memória nem lápide, despersonalizados e mudos, indigência histórica dada pelo silenciamento de um discurso não considerado.

Dessa maneira, a homonímia entre a personagem Gabriel e o autor da obra coloca em xeque não só aproximações onomínicas, mas, pela ótica lacaniana, aproximações de ordem do signo, ou seja, da significação social: ente ficcional e real partilham da angústia de deter uma memória subterrânea e a possibilidade da amizade de Aureliano com Gabriel resolve, na ficção, tal conflito subjetivo do autor: a discordância da memória oficial – que nega mortos – perante os relatos socialmente indigenciados do avô.

Ademais, a homonímia que envolve o prenome Gabriel, bem como o ortônimo do avô do autor: Coronel Gerineldo Márquez, exerce um argumento que segue da ordem da matéria ficcional à vivência autoral, agindo em prol do traço batismal de um significante (LACAN, 1998, 2003): um elo memorialístico sublimado no nome ficcional que argumenta em prol da revisitação do massacre, fato, inclusive, observável na literatura antropológica após o lançamento da obra *Cem anos de solidão*.

Para recepção estética da construção de tal entidade híbrida cuja voz se materializa na personagem Gabriel, elementos extratextuais da obra *Cem anos de solidão*, como a biografia *Viver para Contá-la* não são necessários, bastando a percepção do elo onomínico da personagem “Gabriel” e do autor “Gabriel” para a elaboração de um *ethos* ficcional cujas arestas arrastam ancestralidades de ordem autoral.

Há que se ressaltar que os *ethé* do Grupo de Barranquilla e das personagens Álvaro, Germán, Alfonso são construídos no processo de enunciação que, neste artigo, considera uma

---

<sup>26</sup> “O ano de 1928 [ano do massacre] marca [...] uma nova etapa de luta da classe operária colombiana. A partir de então, os planos econômicos da Colômbia (ainda que elaborados no centro de poder em Washington) passam a ter uma crescente oposição dos trabalhadores; [...] Em julho de 1929, Jorge Eliécer Gaitán, do Partido Liberal, viaja durante dez dias à região onde se perpetraram os massacres. De volta a Bogotá, Gaitán denuncia o massacre levado a cabo pelas tropas governamentais, abrindo um debate público e institucional sobre o ocorrido. Gaitán passa, a partir de então, a ser uma figura política extremamente popular entre os trabalhadores colombianos[...] É neste ambiente que o liberal Enrique Olaya Herrera assume, em 1930, a presidência colombiana” (SALDANHA, 2015, s.p). Em 1948, Gaitán é assassinado, dando início ao Bogotazo (1948): “[...] eventos posteriores à execução de Jorge E. Gaitán, líder do P. Liberal na Colômbia. O assassino, Juan Roa Sierra, foi morto horas depois e teve seu corpo profanado pela turba. Às mortes, seguiu-se uma série de destruições de monumentos e prédios públicos” (SUSIN, 2018).

leitura comparativa de duas diegeses. Considera-se, principalmente, as escolhas linguísticas realizadas por Márquez em ambas as obras, logo, evidencia-se que os *ethé* são resultados, principalmente, da intencionalidade do autor, que escolhe quais características deseja que seus leitores conheçam em relação às personagens.

A construção do *ethos* de Gabriel tem motivações diferentes da construção dos *ethé* dos amigos e é realizada também por meio de outras estratégias retóricas. Se, por um lado, a utilização de personagens homonímicas aos amigos pode ser compreendida como registro e homenagem às características positivas de Álvaro, Germán e Alfonso; por outro lado, ao inserir Gabriel em *Cem anos de solidão*, Márquez materializa o sentido de envolvimento emocional com o enredo, principalmente em relação ao relato em *La masacre de las bananeras*.

Ao inserir-se na diegese, construindo uma imagem de si dentro da trama ficcional, verifica-se que o autor-personagem empresta sua credibilidade à personagem Aureliano para que a denúncia de um fato histórico ganhe evidência e se diferencie dos elementos ficcionais. Além disso, o compartilhamento da memória dos antepassados de Gabriel e Aureliano em relação à matança e à constatação de que aqueles que não compartilham a lembrança de um acontecimento trágico tendem a desacreditá-lo pode ser entendida como uma estratégia retórica de provocar reflexões sobre a empatia entre os leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste artigo, procurou-se demonstrar contribuições na criação de uma ponte teórico-analítica entre categorias específicas de duas áreas do conhecimento: o *ethos*, da Retórica; e a homonímia e a onomatômica, da Onomástica. Através das contribuições teóricas dessas diferentes teorias, foi possível analisar o caráter argumentativo presente em estratégias de nomeação nas obras *Cem anos de solidão* (MÁRQUEZ, 2009) e *Viver para Contá-la* (MÁRQUEZ, 2003), a partir da verossimilhança, considerando também a situacionalidade.

A homonímia em *Cem anos de solidão* configura uma atitude discursivo-retórica cujo fim sumarizador comportamental - dado pela onomatômica - auxilia na construção do *ethos* das personagens envolvidas no fenômeno antroponímico-ficcional: Germán, Alfonso, Álvaro e Gabriel, delimitando as entidades como um grupo de intelectuais questionadores - em diálogo com a condição dos entes em sociedade. Com relação à personagem Gabriel, especificamente, a homonímia atua como ponto de ficcionalização da memória subterrânea do autor quanto em *La masacre de las bananeras*, contado oralmente por seu avô Coronel Gerineldo Márquez,

construção antroponímica presente no romance que retoma, biograficamente, a figura do avô de Gabo, constituindo, pois, homonímia: tanto de Gabriel, quanto de Gerineldo.

A delimitação da memória do autor-personagem Gabriel encontra lugar comum no discurso da personagem Aureliano, fato que determina o forte laço das personagens, já que Aureliano guardava o segredo detalhado do massacre, propagado pelos Buendía até chegar ao conhecimento de Aureliano Babilônia, último da linhagem.

Constatou-se que a homonímia é uma entre diversas estratégias retóricas que contribuem para a construção dos *ethé* analisados. Em relação ao grupo Barranquilla, por exemplo, destaca-se, em *Cem anos de solidão*, a focalização da descrição da equipe a partir da personagem Aureliano. Já em *Viver para Contá-la*, a principal estratégia retórica, em nível linguístico, para a construção do grupo é a utilização da primeira pessoa do plural com função exclusiva.

Além disso, ressalta-se o papel das escolhas lexicais de Gabriel García Márquez em ambas as obras. Notam-se não só o uso de adjetivos e substantivos que possuem valores positivos nas descrições do grupo e das personagens, mas também a ressignificação de termos geralmente associados a valores negativos que, no texto, assumem o papel de intensificadores de características positivas.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi, com a colaboração de Maurice Cunio, Antonietta Scartabello, Carla Comi, Rodolfo Ilari e Sílvia Salvi. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes: 1998.

ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção**. 13 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2017.

ADAM, J. M. Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gaulle em junho de 1940. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 93-117.

ALTMAN, G. A. **Literary Onomastics Typology: Analytic Guidelines to Literary Onomastics Studies**. *Literary Onomastics Studies*: v. 8, n. 21, 1981.

AMOSSY, R. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016b. p. 119-144.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução, textos adicionados e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2017.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução e notas de Ana Maria Valente. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3 ed. Campinas-SP: 1991.

BINI, R. P. Retórica e dispositivos linguísticos que indicam argumentação: um olhar para a primeira pessoa do plural. SELLA, A. F.; BINI, R. P.; BERNARDI, E. (Org.). **Atividades de Extensão na modalidade remota e síncrona**: adaptação de estratégias para o ensino de Língua Portuguesa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

BINI, R. P. O ethos de Iracema: análise retórica da voz feminina na obra de José de Alencar. **Revista Literatura, História e Memória**, vol. 15, nº 26, 2019. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/23457>. Acesso em 28 mar. 2021.

BINI, R. P.; SELLA, A. F. Primeira pessoa do plural em dossiê da Revista Cult: traços de modalização epistêmica e de diferentes instâncias de sentido vinculadas às categorias ethos, pathos e logos da Retórica. In: **Revista Fórum Linguístico**, v. 16 n. 4, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n4p4135>.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CAMARGO, A. K. de. A voz latino-americana do louco como denúncia da falsa memória coletiva-oficial: considerações antroponomástico-ficcionais. In: XVI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e V Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano. **Anais do Seminário Nacional de Literatura, História e Memória**. Remoto. 2020b. Disponível em: <https://midas.unioeste.br/sgev/eventos/literaturahistoriaememoria/anais>. Acesso em 27 mar. 2021.

CAMARGO, A. K. de. Nomeação e Espacialização como agentes do trágico em “Os Maias”. **Onomástica desde América Latina**. v.1, n. 2. jun-dez. 2020. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/24290/pdf>. Acesso em: 27 mar. 2021.

CAMPOS, R. Homonímia e ironia do nome em Ressureição. **Machado Assis Linha** [online]. 2014, vol.7, n.14. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-68212014000200014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-68212014000200014&script=sci_abstract&tlng=pt) Acesso em: 27 mar. 2021.

CARBÓ, E. P. La Novela como Historia: Cien Años de Soledad y las bananeras. **Boletín Cultural y Bibliográfico**. v. 35. n. 48. 1998.

CORBARI, C. C.; BINI, R. P. O sistema pronominal do português brasileiro: reflexões linguísticas e propostas aplicáveis aos anos finais do Ensino Fundamental. SELLA, A. F.; CORBARI, C. C.; BINI, R. P.; BERNARDI, E. (Org.). **Entre atividades metalinguísticas e epilinguísticas**: um enfoque em exercícios a serem aplicados em sala de aula. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

DEBUS, Friedhelm: **Namen in literarischen Werken. (Er-)Findung - Form - Funktion**, Stuttgart, 2002.

ELÍAS CARO, Jorge Enrique. La masacre obrera de 1928 en la zona bananera del Magdalena-Colombia: Una historia inconclusa. **Bibliografía Latinoamericana (Biblat)**, Santa Marta, Magdalena, n.22, p. 99- 134, 2011. Disponível em:

<https://biblat.unam.mx/pt/revista/andes-salta/articulo/la-masacre-obrera-de-1928-en-la-zona-bananera-del-magdalena-colombia-una-historia-inconclusa>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FAEDRICH, Anna Martins. **Autoficções**: do conceito teórico a prática na literatura brasileira contemporânea. Tese. Doutorado em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014. Disponível em:

<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2148/1/456796.pdf>. Acesso em 18 jul. 2021.

FAEDRICH, Anna Martins. **Autoficção**: um percurso teórico. In: Criação e Crítica, n. 17, p. 30-46, 2016.

FIGUEIRA, Lauro. Realismo mágico ou realismo maravilhoso? **Moara**. n. 14, 2000.

Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3119>. Acesso em 18 jul. 2021.

GUÉRIOS, Mansur. **Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1973.

JEANELLE, Jeans Louis. **A quantas anda a reflexão sobre autoficção**. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). Ensaios sobre a autoficção. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

KLINGER, Diana. **Escrita de si como performance**. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 12, 2008.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LACAN, Jacques **A identificação (1961-1962)**. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife (Publicação não comercial), 2003.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique. Nouvelle éd. augmentée**. Paris: Seuil, 1996.

LASKOWSKI, K. A. Women Post-Marital Name Retention and the Communication of Identity. **A Journal of Onomastics**, v. 58, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-92.

MAINGUENEAU, D. **O Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2012.

MANETTI, G. Il noi tra enunciazione, indessicalità e funzionalismo. JANNER, M. C.; COSTANZA, M. A. D.; SUTERMEISTER, P. (Org.). **Noi, Nous, Nosotros**: Studi romanzi Études romanes Estudios románicos. Berne: Peter Lang SA, Editions scientifiques internationales, 2015.

MÁRQUEZ, G. G. **Cem anos de solidão**. Tradução de Eliane Zagury. 48 ed. São Paulo: Editora Record, 2009.

MÁRQUEZ, G. G. **Viver para contá-la**. Tradução de Maria do Carmo Abreu. Alfragide-PT: Publicações Dom Quixote, 2003.

MOSCA, L. L. S. Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos. MOSCA, L. L. S. **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo: Humanitas, 2001.

NICOLAISEN, W. F. H. (1982) Why Study Names in Literature?, **Literary Onomastics Studies**: Vol. 9 , Article 4.

PEDRASSANI, Julia Sonaglio; ECKERT, Kleber; RÖHRIG, Maiqual. Onomástica literária. **Revista GTLex**, 3(2), 294-312, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/53112>. Acesso em 18 jul. 2021.

PLATÃO. **Górgias**. Livro de domínio público, 2015.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. Domínio Público, 1960.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989.

QUINTILIANO, M. F. **Instituciones oratorias**. Traducción de Ignacio Rodríguez y Pedro Sandier. Madrid: Moris Polanco, 2015.

SALDANHA, Ana Maria. Colômbia: influência norte-americana, violência e questão agrária. **Operamundi**, 2015. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/opiniaio/39203/colombia-influencia-norte-americana-violencia-e-questao-agraria>. Acesso em 07 jan. 2022.

SANTOS, G. G. BELLINI, N. M. C. O realismo maravilhoso em Cem anos de Solidão: um elemento de representação das memórias do autor. **Revista Travessias**. v. 12, n. 3. 2018.

SEIDE, M. S. Deslocamentos identitários e nomeação no romance “Circle of Amber”. **Caderno Seminal Digital**. v. 3, n. 32. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/cadernoseminal/article/view/38239>. Acesso em: 27 mar. 2021.

SEIDE, M. S. Métodos de pesquisa em Antroponomástica. In: **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 3, jul./set. 2016.

SEIDE, M. S. Antroponímia, diáspora y migración: los descendientes de lituanos en Brasil. **Onomástica desde América Latina**, v. 1, p. 97-117, 2020.

SILVA, B. F. A identidade latino-americana em Cem Anos de Solidão (1967), de Gabriel García Márquez. In: **Epígrafe**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 157-170, 2016.

SUSIN, Ivania Valim. ¡MATARON A GAITÁN! Aspectos visuais da violência do Bogotazo. Colômbia, 1948. Revista TEL, Irati, v. 9, n.2, p. 43-54, 2018. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/12618>. Acesso em 07 jan. 2022.

VASCONCELOS, J. L. de. **Opúsculos; Onomatologia**. Vol. III. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1931.

*Recebido: 18/07/2021*

*Aprovado: 16/02/2022*